

CORES DE MINAS EM GUIMARÃES ROSA

Profª Drª Maria Zélia Borges
Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP

A escolha, aqui, de cores registradas em território mineiro se justifica por preferência visceral e atávica da autora do presente estudo, que é também mineira, mas, oportunisticamente, se estriba na escolha do próprio Guimarães Rosa, expressa em carta a João Condé e usada como apresentação na 50ª impressão de *Sagarana*, feita para a Editora Nova Fronteira em 1999, p. 8 e 9:

(...) eu tinha de escolher o terreno onde localizar as minhas histórias: Podia ser Barbacena, Belo Horizonte, o Rio, a China, o arquipélago de Neo-Baratária, o espaço astral, ou, mesmo, o pedaço de Minas Gerais que era mais meu. E foi o que preferi. Porque tinha muitas saudades de lá. Porque conhecia um pouco melhor a terra, a gente, bichos, árvores. Porque o povo do interior – sem convenções, “poses” – dá melhores personagens de parábolas: lá se vêem bem as reações humanas e a ação do destino: lá se vê bem um rio cair na cachoeira ou contornar a montanha, e as grandes árvores estalarem sob o raio, e cada talo do capim humano rebrotar com a chuva ou se estorricar com a seca.

A necessária escolha do verde¹ se deve à predominância desta cor, em suas muitas variações, nos caminhos do Sul de Minas. E isto não deixa de ser “puxar brasa para a própria sardinha”, pois tais caminhos não são exatamente os do contista.

Com efeito, Guimarães Rosa cuida, por vezes, de marcar o território onde se passa o fato narrado:

- em Sg: 18, BP², “a existência De Sete-de-Ouros cresceu toda (...) no vale do Rio das Velhas, no centro de Minas Gerais”;

¹ Escolha necessária, porque advinda dos limites de tempo e espaço impostos a comunicações e textos apresentados em congressos.

² As referências a *Sagarana* serão feitas nos seguintes moldes: Abreviação do nome da obra, seguido de dois pontos; nº da página, seguido de vírgula; sigla do nome do conto constante das lista de siglas. Ex: Sg: 18, BP. Também as referências a dicionários, serão feitas com siglas da lista. Ex.: AEXXI, isto é, Aurélio Eletrônico – Século XXI.

- em Sg: 192, MG, Santana, o parceiro de jogos do protagonista-narrador, “é criatura do Caraça”;
- em Sg: 84, VMP, vários homens, entre os quais se encontra o protagonista, trabalham em “um quilômetro da estrada-de-rodagem Belorizonte-São Paulo, em ativos trabalhos de construção”;
- no mesmo conto, pontua outros lugares: Conquista, Passa-Tempo, Dom Silvério (p. 87), Divinópolis (p. 109), Montes Claros (p. 113) e Brumadinho aparece inúmeras vezes (pp. 88, 98);
- ainda em Sg: 90, VMP, o Lalino, isto é, Eulálio de Souza Salãthiel, do “Em-Pé-na-Lagoa, nunca passou além de Congonhas, na bitola larga, nem de Sabará, na bitolinha ”; depois de estripulias em sua terra, aventura-se por uns tempos no Rio de Janeiro, de onde volta em um “trem a rolar nas goelas da Mantiqueira, no meio do frio bonito”(p. 101), para idas e vindas a “Boa Vista” (pp. 112, 115, 122, 123, 127), em novas estripulias, agora na politicagem.

Mas, puxando novas brasas para a própria sardinha... no Sul de Minas, também entre as goelas da Mantiqueira, vestida de verde, com enfeites “versicolores”, fica Cristina, cidade vizinha do circuito das águas, onde também há uma “Boa Vista”, que não é roteiro rosiano mas, sim, roteiro de vida, de morte, de amor.

Se, como afirmou Drummond de Andrade (1969: 341) a respeito de Portinari, o artista “sabe a cor da cor” e busca, com suas tintas, uma tonalidade precisa, completando “o que escapou à fadiga da Criação, pode-se afirmar a respeito de Guimarães Rosa que, também ele, quer completar a Criação pela busca dos nomes mais precisos das cores. Nessa busca, expressa sua preferência pelo “prisco” e pelo “ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente utilizado, melhor fora se jamais usado”. (Sg: 253, SM). Fixa, também, sua meta na busca do termo exato, que

vê como “um ideal: precisão, micromilimétrica” (Sg: 9, Carta a J. Condé). Não é uma busca fácil, pois a cor aceita infinitos matizes, difíceis de nomear e definir, tendo em vista a subjetividade de sua percepção, como se pode ler na explicação que o dicionário AE-XXI lhe dá: “Característica de uma radiação eletromagnética visível, de comprimento de onda situado num pequeno intervalo de espectro eletromagnético, a qual depende da intensidade do fluxo luminoso e da composição espectral da luz, e provoca no observador *uma sensação subjetiva* independente de condições espaciais ou temporais homogêneas”.

Todavia, Guimarães Rosa corre atrás do ideal que se propôs, atento à transparência conferida às palavras pela sua motivação original ou recuperada. Motivação que se patenteia na fonética, na morfologia ou na semântica, com onomatopéias imitativas de sons ou movimentos, com derivação ou composição, com metáfora ou metonímia, respectivamente.

Segundo Pedrosa, “o verde é uma das três cores primárias em cor-luz (...) Em cor-pigmento, é cor secundária ou binária (...) É o ponto ideal de equilíbrio da mistura do amarelo com o azul (...)” (1999: 111). O DM assim apresenta o étimo da palavra: “do lat. *viridia*, arbustos, verduras e do lat. *viride*, verde, verdejante, vigoroso, jovem”. Em *viride* ainda existiria a metáfora, que foi se diluindo na evolução da palavra. Guimarães Rosa, entretanto, parece não se conformar tal opacificação e retoma a motivação no símile que aproxima a cor verde dos olhos de onça, na caça ao passarinho, à cor do vaga.-lume: “Os olhos é que alumiam verde, que nem vagalume³ bagudo...” (Sg: 42, BP). Falando do verde do vaga-lume, o contista presenteia o leitor com imagem inusitada, usando onomatopéia imitativa de som para falar de movimento: “E um vagalume lanterneiro, que riscou um psiu de luz” (Sg: 211, MG).

³ A grafia de Guimarães Rosa - *vagalume*, sem hífen - tem explicação no DH: “f. hist. 1791 *vagalumẽ*”.

A palavra, entre outros usos, se aplica também à: “planta que ainda tem seiva; fruta que ainda não está madura; madeira que não está seca; e figuradamente, a “tenro, fraco, delicado” (AE-XXI). Com esta acepção aparece em Sg: 312, CB: “Por isso e porque um e outro (os bois Brabagato e Capitão) têm chifres verdes – se a gente furar, para pôr as argolas, darão sangue – prende-lhes os cangotes a soga rija, em vez das chifradeiras dos outros cingéis.”

Em se tratando de cor, são tonalidades de verde, encontráveis em Guimarães Rosa:

- *Cor de abóbora d'água* - ora a abóbora d'água, também chamada de *cuia*, é verde-claro. A expressão, aqui, é motivada metafórica e morfologicamente. Ocorrência: “A bem dizer, eram cor de abóbora d'água os seus olhos” (Sg: 280, CF).
- *Cor de água* – na verdade, a água é “líquido incolor, sem sabor e cheiro” (AE-XXI). Pedrosa (1999, 112), contudo, fala em cor da água, atribuindo-a ao pintor e teórico das artes visuais Alberti (século XV) que, “vinculando as cores aos quatro elementos naturais, preferiu designar o verde como cor da água”. (Cf. abaixo *verde-água*). No texto analisado, parece tratar-se de cor pouco definida, pois veste mulheres-fantasma – “sem olhos na cara” ? passando diante de personagem que delira. Expressão motivada semanticamente, por metáfora. Ocorrência: “Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara para não terem de olhar a gente...” (Sg:147, VMP).
- *Cor de chuchu* – Guimarães Rosa precisa a tonalidade, na mesma página, corrigindo-a para *cor de abóbora-d'água* (V. acima), isto é, verde-claro. O nome da cor é motivado semanticamente, por metáfora. Ocorrência: “Bonita mesmo, e diversa, com sua pele muito clara e os olhos cor de chuchu” (Sg 280, CF).

- *Esmeralda* - o nome, dicionarizado também como *verde-esmeralda* (AE-XXI) é exemplo típico de palavra motivada semanticamente, por metáfora, comparando à “pedra preciosa, transparente, de cor verde” (DH). Ocorrência: “O regato, acolá, azul claro, entre as margens de esmeralda, até parece abaulado” (Sg: 226, MG).
- *Esverdeado* – motivada morfológicamente, define-se a palavra como “tirante a verde; verdacho, verdeal, verdoengo, verdolengo, verdoso, esverdido, esverdinhado” (AE-XXI). Ocorrência: “Era magro, feio, de cara esverdeada (Sg: 277, CF).
- *Gázeo* - segundo o AE-XXI, [de or. incerta.] Garço. [Da mesma or. incerta que o esp. *garzo*, poss.] Esverdeado ou verde-azulado. (Equiv. a *gláceo*, *glaucó*). Ocorrência: “Gázeo (o alazão), remelento, que nem negro-aço, que não podia abrir os olhos p’r’a banda do sol...” (Sg. 286, SM).
- *Verdacento* – seria palavra formada por aglutinação; motivada morfológicamente, portanto? Designaria, nesse caso, uma mistura de verde e pardacento, interpretação potencialmente autorizada pela ocorrência, que explica as estrias da pelagem como *curvas pardo-sujas*. Todavia, o DH tem explicação para um sufixo *-cento*, “com o valor intensificador em adjetivos, prov. oriundo de *-ento*, em palavras como *aguacento*, *alvacento*, *barracento*, *brancacento*, *branquicento*, *lamacento*, *lodacento*, *raivacento*, *viracento*”. Contudo, o mesmo dicionário não parece atentar para tal efeito intensificador quando explica *alvacento* como “quase branco; esbranquiçado, alvadio, cinza-claro”. No texto rosiano, também, não nomeia um verde mais intenso; ao contrário, a comparação aposta em seguida, –“como cortes de ágata acebolada” – autoriza a concluir-se por uma cor pouco precisa, pois “ágata é “variedade de calcedônia que apresenta anéis concêntricos, geralmente de várias cores” (DH). Ocorrência: “(...)estrias concêntricas no pelame - curvas e zebruras

pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, grandes nós de madeira lavrada, ou faces talhadas em granito impuro” (Sg: 19, BP).

- *Verde-água* - isto é “que tem uma tonalidade de verde-claro, transparente e luminoso, com reflexo azulado” (AE-XXI). Sendo palavra composta, é motivada morfológicamente. Ocorrência: “No meio da rasa selva verde-água, uma poldra: deitada sobre a sua sombra” Sg: 226, MG).
- *Verde-aquarela* - Palavra não encontrada nos dicionários consultados. No texto, porém, *clorínea*, que se apõe a *verde-aquarela*, facilita sua definição. *Clorínea* também não foi encontrada, mas o MLP e o DH registra *clorino*, isto é, “esverdeado, verdolengo”. Ocorrência: “(...) nas folhas cloríneas, verde-aquarela, das alfaces (...)” (Sg: 219, MG).
- *Verde-azul* – Além da motivação morfológica, o contista motiva o nome da cor, lembrando a couraça peitoral de um inseto dicionarizado como *caçununga*: “Tirita a mamoma, de folhas peludas, como o corselete de cassununga, brilhando em verde-azul” (Sg: 154, S). Em outro trecho, aparece como atributo do capim-guiné. Ocorrência: “(...) pastagem áspera de capim-guiné verde-azul” (Sg: 319, CB).
- *Verde-escuro* – nomeado com motivação morfológica, “o verde escurecido com o preto descaracteriza-se, tornando-se acinzentado. Escurecido com o azul-da-prússia, cria infinitas possibilidades de enriquecimento cromático” (Pedrosa, 1999: 112). No texto, parece tratar-se, na verdade, de preto intenso, com reflexos verdes, pela semelhança expressa com andorinha. O AE-XXI define tal cor como a que apresenta “uma tonalidade entre o verde e o preto”. Ocorrência: “Agora outra (ave) desconhecida, verde-escura esta, parecendo uma grande andorinha” (Sg: 259, SM).
- *Verde-maçã* – palavra motivada morfológicamente porque composta. E o segundo elemento, *maçã*, metaforiza o nome da tonalidade. Na expressão *em rendilha*

aparece a metáfora para o movimento do galho. Ocorrência: “Um ramo verde-maçã, a se agitar, em rendilha” (Sg: 214, MG).

- *Verde-malaquita* - A palavra composta aparece como subverbeta de *verde* no MLP: “o mesmo que verde da montanha”. É palavra motivada morfológicamente e por metáfora, pois se baseia na comparação com a cor da malaquita, “pedra mineral, que é um carbonato básico de cobre, de cor verde-malva, usada em obras de ourivesaria”. Pode ser interessante notar que o MLP registra, como subverbeta também, *verde-montanha*, que explica como “verde-escuro”. O AE-XXI registra também *verde-montanha*, mas em entrada própria, explicando-o como, além de verde-escuro, “a cor verde com uns tons levemente azulados” e, ainda como “tinta que os pintores usam para representar coloração semelhante à dos montes vistos de longe”. As explicações do segundo dicionário assemelham-se às do CA e do DH. Ocorrência: “Na serra, verde-malaquita, arquipélago de reses, muito alvas, pastando, entre outras ilhas, vermelhas, do capim barba-de-bode” (Sg:194, MG).
- *Verde-mar* - trata-se de verde claro. Falando do clareamento do verde, Pedrosa (1999:112) diz: “clareado com amarelo, torna-se mais ativo e penetrante pela variada gama de verdes-limão até confundir-se com os amarelos-limão. Desaturado com a mistura do branco, ganha em qualidade luminosa”. Tal como aparece no texto, faz crer que se trate do segundo caso, isto é, verde luminoso, resultante da dessaturação com branco. Ocorrência: “(...) aquele pássaro verde-mar com pintas brancas (...)” (Sg: 259, SM).

Caberia acrescentar-se, aqui, algumas modalidades de *verde* encontradas em “Ao Pantanal”, texto incluído em *Ave Palavra* (Rosa, 1985: 181):

E cores: bluo, belazul, amarelim, carne-carne, roxonho, sobre-rubro, reiverde, penetrados violáceos, rosa-roxo, um riso de róseo, seco branco, o alvor cruel do polvilho, aceso laranja,

enverdes, ávidos perverdes, o amarelo mais agudo, felflavo, felflóreo, felflo, o esplâncnico azul das uvas, manchas quentes de vísceras. Cores que granam, que geram coisas - goma, germes, palavras, tacto, títlo de pálpebras, permovimentos. (AP: 181)

- *Ávidos perverdes* – na palavra motivada morfológicamente, seria o prefixo *per-* aquele que aparece no AE-XXI anteposto a verbo, designando ‘intensidade’? Se sim for, não significará *perverde* ‘um verde forte, intenso? Aliás, tal acepção parece corroborada pelo adjetivo *ávido*, aplicável ao “que deseja ardentemente”.
- *Enverdes* – na palavra motivada morfológicamente, seria este *en-* aquele prefixo (equivalente a *e-*; *em-*), que significa “encher” (AE-XXI)? Nesse caso, ter-se-ia, aqui, “cheios de verde, plenamente verdes”.
- *Rei-verde* - sendo um dos significados de *rei* o de “indivíduo que se distingue entre outros” (AE-XXI), a expressão sob análise não designaria uma tonalidade *sui generis* de verde; um verde maior, o mais intenso de todos?

A cor verde aparece ainda com outras imagens inusitadas, em *Sagarana*, apresentadas, aqui, em conjunto:

- “(...) na trouxa verde meio aberta dos repolhos” (Sg: 218, MG);
- “(...) nas embaúbas jovens, que são toda uma paisagem (...) as folhas são estrelas verdes, mãos verdes espalmadas; mais longe, levantam-se das grotas, como chaminés alvacentas; longe-longe, porém, pelo morro, estão moças cor de madrugada, encantadas, presas, no labirinto do mato” (Sg: 256, SM);
- “Estou entre o começo do mato e um braço da lagoa, onde, além do retrato invertido de todas as plantas tomando um banho verde no fundo, já há muita movimentação” (Sg: 258, SM).

A comparação com *chaminés alvacentas*, ao contrário de uma cor precisa, deixa uma pergunta: não seriam aquelas folhas verdes acinzentadas, que parecem cobertas de uma penugem de neve? Aliás, o DH também aponta para uma cor mais ou menos indefinida: quase branco; esbranquiçado, alvadio, cinza-claro.

A metáfora *moças cor de madrugada* apresenta cor ainda mais imprecisa, apelando para a memória visual do leitor: nas folhas outonais, à distância, sob luz radiosa, o verde claro adquire laivos alaranjados e rosicler, isto é, “de uma tonalidade róseo-pálida, que lembra a da aurora”. (AE-XXI)

Resta falar de uma tonalidade muito especial de verde, não descrita por Guimarães Rosa, mas que se supõe tenha a ela se referido em Sg: 311, CB, quando fala de “touceiras do roxo-miúdo” e “catingueiro-branco”, capins que povoam o pensamento e a conversa do boi Realejo. Trata-se do capim-gordura, que colore os morros com um verde róseo. Mantiqueira não é Mangueira, mas apresenta, em seus pastos de outono, tons de rosa a solferino sobre verde. O capim-gordura, descrito como “erva de até um metro (*Melinis minutiflora*), da fam. das gramíneas, de folhas lineares, lanceoladas, e flores em panículas compostas, roxo-avermelhadas ou violáceas, prov. nativa da África e muito cultivada no Brasil, como uma das mais importantes forrageiras e também por propriedades insetífugas, diuréticas e antidisentéricas; *caatingueiro*, *capim-cabelo-de-negro*, *capim-catingueiro*, *capim-de-freilúis*, *capim-gordo*, *capim-melado*, *capim-meloso*, *catingueiro*” (DH). Dele vestida, a serra adquire uma cor verde-rosa, ondulante ao vento: o capim é ainda verde, mas floresce em rosa e púrpura, uma “cor vibrante, vermelho-escura, tendente para o roxo” (DH). Assim, falam alguns que os mineiros sentem falta do mar, mas se esquecem de que eles têm, sim, outras ondas - as ondas verde-rosa de seus morros.

Enfim, Guimarães Rosa afirmava que, “na baixada, mato e campo eram concolores” (Sg: 268, SM), isto é, “da mesma cor” (LGR). Todavia, cabe dizer que, em suas nuances de verde, enfeitadas de outras cores, as matas, os campos e serras de Minas acabam por ser *versicolores*, isto é, “de várias cores” (LGR), tal como ele viu os bois, “com as cores mais achadas e impossíveis” (Sg: 19, BP) nas terras alterosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, Caldas. - *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5ed., 2ed.bras., rev. atual. e aum. por Hamílcar Garcia, Rio de Janeiro: Delta, 1970.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos - “Lição de Coisas” in *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
- HECKLER, Evaldo / BACK, Sebald / MASSING, Egon R. - *Dicionário Morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: UNISINOS, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - *Dicionário Aurélio Eletrônico - Século XXI*. Versão 3.0. Coord. e ed. de Marina Bird Ferreira e Margarida dos Anjos. CD produzido e distribuído por Lexikon Informática, sendo versão integral do Novo Dicionário Aurélio - Século XX, publicado no Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, novembro de 1999.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles - *Dicionário Antônio Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna - *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MICHAELIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1998.
- PEDROSA, Israel - *Da cor à cor inexistente*. 7 ed. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1999.
- ROSA, João Guimarães - *Ave, palavra*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- - *Sagarana*. 31 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

adj. – adjetivo; **bras.** – brasileirismo; **cf.** - confronto **equiv.** – equivalente; **esp.** – espanhol; **fam.** ? família; **f. hist.** ? forma histórica; **lat.** ? latim; **or.** – origem; **p** página; **pp** páginas; **poss.** – possivelmente; **prov.** – provavelmente; **v.** vide

AE-XXI	Dicionário Aurélio Eletrônico - Século XXI
AP	Ave, palavra.
CA	Dicionário Caldas Aulete.
DH	Dicionário Houaiss de língua portuguesa.
DM	Dicionário morfológico da língua portuguesa.

- LGR O léxico de Guimarães Rosa.
- MLP MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa.
- Sg: Sagarana:
- BP O burrinho pedrês;
- CB Conversa de bois;
- CF Corpo Fechado;
- MG Minha gente;
- S Sarapalha;
- SM São Marcos;
- VMP A volta do marido pródigo.